

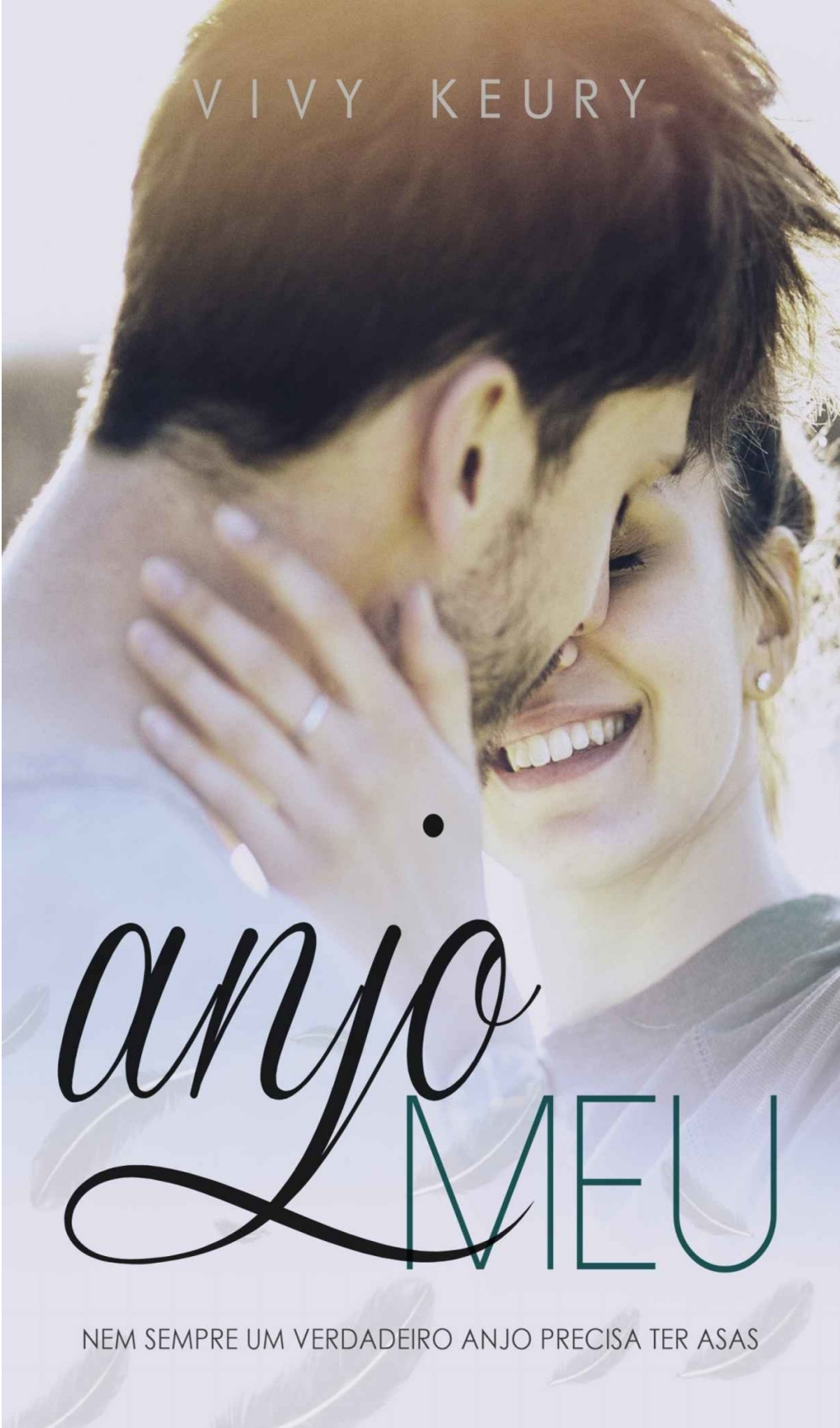
VIVY KEURY

•

anjo MEU

NEM SEMPRE UM VERDADEIRO ANJO PRECISA TER ASAS





VIVY KEURY

•
anjo
MEU

NEM SEMPRE UM VERDADEIRO ANJO PRECISA TER ASAS

•
anjo
LMEU

Copyright © 2019 Vivy Keury
Capa: Laís Maria
Revisão: Sara Ester
Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

SINOPSE

É certo afirmar que vale tudo para manter um amor?

Nathalia vivenciou uma péssima experiência num relacionamento que ela imaginava ser verdadeiro, e foi capaz de cometer atitudes extremas, consideradas loucuras, em nome desse amor. Até que isso afetou não só a sua parte física, mas também o seu lado emocional.

Mas eis que um anjo surgirá em seu caminho, que a fará se enxergar verdadeiramente.

"Nem sempre um verdadeiro anjo precisa ter asas"

Conteúdo

[SINOPSE](#)

[Capítulo um](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo dois](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo três](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo quatro](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo cinco](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo seis](#)

[NATHALIA](#)

[ALGUMAS SEMANAS DEPOIS](#)

[Capítulo sete](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo oito](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo nove](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo dez](#)

[NATHALIA](#)

[Último capítulo](#)

[DOIS MESES DEPOIS](#)

[MIGUEL](#)



Capítulo um

NATHALIA

— Não vou sair, Márcia. O Sandro disse que viria me ver, já que não teve aula na faculdade hoje — expliquei, recusando seu convite.

— Eu não disse que ele não poderia vir conosco — Tentou me convencer.

— Já disse que não. O Sandro chegará cansado do trabalho e, eu não quero aborrecê-lo levando-o para uma festa. Sequer gosto daquela garota. Nunca nem nos falamos, apesar de morarmos no mesmo bairro.

— O nome dela é Rayane e estudávamos no mesmo colégio. Garanto que o Sandro não vai se aborrecer em ir — insistiu.

Soltei o ar, incomodada por sua insistência. Eu amava a Márcia, éramos amigas desde o colegial, mas odiava suas tentativas de sempre querer me fazer mudar de ideia em relação a seus convites.

— Chega, Márcia. Por favor — pedi.

Ela bufou em resposta.

Assisti ela sair pela porta da casa em que morávamos, onde dividíamos todas as despesas, não só o aluguel. Márcia era linda. Seu cabelo era negro e liso, e de um comprimento que batia quase na bunda. Seu corpo era curvilíneo e bem torneado, já que ela se cuidava, fazia academia todos os dias.

Já eu? Mal caminhava até a parada de ônibus para ir ao trabalho. A preguiça realmente me dominava.

Jogada no sofá, tive meus pensamentos dispersos ao escutar o meu celular tocar. Alcancei-o abaixo de mim e atendi.

— Oi, amor! — proferi, bem animada.

— Oi, gata. Acabei de chegar do trabalho. Vou tomar um banho e daqui a pouco chego aí, tudo bem? — Sandro comunicou.

— Estarei te esperando — Avisei e encerrei a ligação quando ouvi ele me mandar um beijo.

Sorridente, fitei o teto e um sorriso imenso ainda era presente nos meus lábios.

Eu estava com dezenove anos, Sandro era quatro anos, mais velho do que eu. O conheci quando ainda estudava o terceiro ano do ensino médio. Fazia pouco mais de um ano que namorávamos.

Tive minha primeira vez com ele. Não foi mágico como Márcia descrevia para mim. Não sei explicar com precisão. Só sei que não foi de todo confortável, pelo contrário.

Sempre fizemos planos para noivarmos e casarmos quando chegasse o momento oportuno para isso. No entanto, Sandro ultimamente dizia que seria bom primeiro terminar sua faculdade, já que ele cursava Ciências contábeis e, eu... bem, gostava de mudar coisas dos lugares dentro de casa; combinar cores e quadros nas paredes, como se fosse designer de interiores. Eu me sentia livre fazendo isso, embora, Sandro não me apoiasse. Dizia que eu tinha que focar em algo rentável; que realmente fosse me trazer algum lucro.

Enquanto o esperava, resolvi preparar pipoca. Daria uma sugestão de filme para assistirmos, sempre fazíamos isso. Minutos depois, Sandro entrou na minha casa e me deu um selinho sem muita empolgação. Aquela atitude me deixou um pouco sem graça, mas não deixei que aquele detalhe atrapalhasse a nossa noite juntos, afinal, só tínhamos um tempo a sós nos finais de semana, já que durante a semana ambos trabalhávamos e Sandro chegava tarde da faculdade.

— Hum... cheirinho de pipoca. — Seu comentário fez com que eu voltasse a sorrir.

— Fiz para comermos enquanto assistimos a algum filme — mencionei.

Naquele momento, já estávamos na sala, próximos ao sofá, e Sandro deu um sorriso de canto. Notei um brilho misturado com malícia em seu olhar. De repente, suas mãos pousaram na minha cintura e senti uma confiança maior ao tê-lo por perto.

— Pensei em algo diferente para nós nessa noite, gata, já que estamos sem nos ver a uma semana — ponderou.

Sorri meio sem jeito, e falei:

— Bom... infelizmente, não vai ter como. Estou "naqueles dias". — Fiz aspas no ar.

Notei quando ele cerrou os lábios e retirou suas mãos da minha cintura. Voltei a murchar internamente com mais aquela atitude. Não sabia o que estava acontecendo com ele ultimamente.

— Vamos assistir ao filme então — sugeriu, mas era notável a decepção em seu timbre de voz.

— Pode me dizer o que está acontecendo com você, Sandro? Juro que não estou entendendo essas suas atitudes — bradei. Já me encontrava irritada com aquela situação.

— Não é nada. Desculpa, tudo bem? Tive uma semana cheia, não só no trabalho, mas também na faculdade com as provas. Enfim, não vamos brigar por conta disso. Está de acordo? — questionou.

Como eu não queria que nossa noite fosse interrompida por brigas desnecessárias, eu lhe dei um abraço e um beijo acalorado para deixar claro que estava tudo bem. Então, segui até a cozinha e retornei com a bacia de pipoca. Sandro, como de costume, escolheu o filme sem sequer pedir a minha opinião.

Seu modo costumeiro de ser, ultimamente vinha me irritando facilmente. Talvez eu estivesse me deixando levar por suas conversas e diante disso, acabava aceitando tudo, mesmo que não concordasse. Por outro lado, também podia ser pelo fato de querer que nosso relacionamento desse certo e não fracassasse por causa de brigas.

Enfim, o filme que Sandro escolheu parecia estar agradando somente a ele. De fato, eu me senti um pouco chateada com o rumo que as coisas tomaram naquela noite. De longe havia sido o que planejara para nós.

Mesmo entediada com o filme de ação escolhido, bufei sem deixar muito à mostra a minha tristeza com tudo aquilo. Olhei para Sandro ao meu lado e imagens de um dia quando éramos considerados um casal feliz, passaram por minha cabeça.

Eu sentia falta de como éramos. Naquele momento, nós parecíamos duas pessoas completamente diferentes; estranhas. Sequer parecíamos nos amar como no início do namoro.

De repente, Sandro se mexeu ao meu lado e logo senti sua mão sobre minha coxa. Deixei meus pensamentos de lado e pensei que poderia estar equivocada. Não passava de uma mera chateação no final das contas e tudo voltaria ao normal.

Aconcheguei-me mais a ele e sentindo o calor do seu corpo, eu me animei um pouco e deixei todos aqueles pensamentos duvidosos de lado. Eu só queria ter um relacionamento saudável, nada de brigas bobas. Sandro era o namorado ideal para casar e ter filhos.



Capítulo dois

NATHALIA

Remexi na cama e abri meus olhos. Notei que já era manhã e um sorriso satisfeito me acompanhava. Eu e Sandro estávamos bem, era o que importava.

Depois de o filme ter acabado, Sandro se despediu com um beijo acalorado e seu gesto fez com que eu me condenasse internamente por ter duvidado um só segundo de suas atitudes. Um claro sinal de que realmente estava equivocada com sua postura em relação a mim. Para dizer a verdade, aquilo me trouxe uma tranquilidade imensa.

Saí do meu quarto e antes de alcançar a maçaneta da porta do banheiro, Márcia deixou o seu interior. Sua expressão era... não soube distinguir.

— Bom dia! — cumprimentei-a com alegria.

— Bom dia. — Ela respondeu sem emoção.

Fiquei encabulada com aquilo. Logo ela, que era sempre tão sorridente pela manhã, me tratar com... frieza. Enquanto pensava, observei Márcia entrar em seu quarto e deixei meus questionamentos de lado.



Cheguei até a cozinha e o cheiro de café me contemplou. Observei Márcia terminar de preparar dois sanduíches na bancada da pia, então tomei um assento à mesa. Somente o barulho dos seus movimentos era ouvido.

— Não vai tomar café? — De repente, fui questionada.

— Ah, sim — Antes que eu me levantasse, Márcia colocou os copos sobre a mesa juntamente com o prato contendo os sanduíches. — Obrigada — Agradei.

Ela então se juntou a mim na mesa, mas do lado contrário. Aproveitei para observá-la melhor. Algo em sua postura denunciava que estava acontecendo alguma coisa, mas por qualquer motivo que fosse, ela não queria me falar.

— E a festa, como foi? — puxei assunto.

— Foi legal. — Márcia não era do tipo "calada", e sua postura estava realmente me incomodando.

— Hum... Deve ter chegado tarde, porque não a vi chegando — comentei.

Ela não me respondeu, apenas continuou comendo seu sanduíche.

Beberiquei meu café e me remexi na cadeira. Aquilo não estava certo e então resolvi ser insistente.

— Por que está diferente? — indaguei sem rodeios.

Márcia soltou um riso.

— Eu, diferente? Claro que não — tentou me ludibriar, mas eu a conhecia bem para cair nisso.

— Márcia, deixa de conversa boba e fala logo o que está acontecendo, por favor — pedi. Não aguentava mais aquela situação.

Por fim, ela deixou o restante do seu sanduíche de lado e abaixou a cabeça. Parecia pensativa. Esperei, paciente.

— O Sandro foi embora a que horas? — Franzi o cenho, estranhando sua pergunta.

— Bom, por volta das onze da noite. Por quê?

— Olha, eu realmente não quero ser fofoqueira, ou taxada como a amiga invejosa, *tá legal?! Acho melhor a gente não ter essa conversa* — soltou de repente, deixando-me ainda mais curiosa para saber do que ela estava falando.

Deixei minha xícara de café de lado e como a mesa era um pouco estreita, consegui alcançar suas mãos, que repousavam sobre o mármore da mesma.

— Ei! — chamei sua atenção ao ver que sua intenção era livrar suas mãos do meu toque. — Márcia, olha para mim — pedi. Minha amiga estava relutante no início quanto ao meu pedido, mas logo cedeu e me encarou. — Conta para mim o que está te incomodando. — Ela desviou o olhar do meu.

Márcia suspirou alto, em seguida, olhou para o teto. Em seguida, voltou a me encarar.

— Você realmente ama o Sandro? Acha verdadeiramente que ele te merece? Merece tê-la para sempre ao seu lado? — bombardeou-me com tais perguntas. Algo que não esperava, pois em todo esse tempo que estava com o Sandro, Márcia nunca tinha tocado naquele assunto.

Soltei um riso despretensioso.

— O Sandro tem os seus problemas, qual pessoa não os tem, hum? Mas ele é o homem que anseio me casar, mesmo que, às vezes, ele demonstre ser outra pessoa quando está comigo — informei. — E sim, ainda sinto borboletas no estômago quando nos falamos por telefone, ou até mesmo, quando o recebo na porta. Apesar de todo esse tempo, e de suas mudanças repentinas de humor e

atitudes, eu ainda o amo como se estivéssemos nos primeiros dias de namoro — comentei sorridente, e ouvi Márcia bufar.

— Ele não a ama, Nathy. — suas palavras repentinas me fizeram afastar minhas mãos das suas.

— Por que está dizendo isso? — questionei, espantada com a sua declaração.

— Ontem, na festa da Rayane, ele estava lá — Aquela informação me pegou em cheio. Senti um estalar em meu coração.

— Você deve tê-lo confundindo com outra pessoa, Márcia. O Sandro me disse que iria *pra* casa — Ela demonstrou impaciência, parecia chateada com a minha resposta.

De repente, ela se levantou da mesa e saiu da cozinha. Não havia entendido sua saída repentina, mas logo retornou com seu celular em mãos. Voltou a se sentar onde estava antes e procurou algo no aparelho.

— Veja se não é ele. Vamos, passe as fotos. — Ela esticou o aparelho para mim e, eu peguei, sentindo-me um pouco receosa.

Olhei a primeira foto e só consegui ver um homem moreno de costas, cabelos lisos, beijando uma garota. Passei para a segunda e lá estava ele. Realmente era o Sandro beijando aquela garota, pois agora os dois, eram apenas sorrisos, um ao lado do outro.

Meus olhos pinicaram e devolvi o aparelho a ela.

— Ele... ele deve ter alguma explicação para isso — tentei convencer a mim mesma.

Márcia riu.

— Não existe explicação cabível para uma traição, Nathy. Para de se enganar dessa forma. Você merece coisa melhor.

Suas palavras ecoaram em minha mente. Meu coração batia tão forte que era capaz de ouvir suas batidas em meio ao cômodo. Minha respiração se encontrava acelerada.

Engoli em seco, fazendo diversas perguntas em minha mente. Questionamentos os quais não soube responder. Mas eu segurei minhas emoções.

Não era justo chorar sem saber a verdade. E, então, finalmente voltei a encarar Márcia em minha frente. Seu olhar era inquisidor, parecia procurar por respostas.

Eu não queria ser decifrada. Sequer ter os meus sentimentos à mostra. Repentinamente, tomei a decisão de sair dali.

Só precisava pensar com mais calma e clareza. Sandro deveria ter uma explicação. Esperava por isso.



Capítulo três

NATHALIA

Havia tentado falar com o Sandro e não consegui. Liguei diversas vezes em seu número de celular e nada. As palavras da minha amiga continuavam martelando em minha cabeça, e me causando uma dor aguda.

As horas pareciam não passar. No horário do almoço, Márcia bateu algumas vezes na minha porta, me chamando para almoçar, falei que não estava disposta e ela não insistiu. Em um belo dia de folga, que era para estar descansando, eu estava ali, jogada na minha cama, com uma dor de cabeça horrenda e com o coração apertado por não ter conseguido contato com o Sandro.

Em um dado momento, meu estômago doeu de fome e a dor na minha cabeça aumentou pela falta de alimento. Olhei o horário em meu celular e vi que já beirava às dezesseis horas. Decidi me render e saí do quarto.

Cheguei até a cozinha e acabei encontrando Márcia sentada à mesa tomando um copo de suco. Não me pronunciei, permaneci calada e fui até a geladeira. Chequei o que tinha para fazer um lanche rápido.

— Conseguiu falar com ele? — Abaixei minha cabeça e acenei de modo negativo. Não sabia se ela tinha visto, já que não me preocupei em verificar, tampouco, queria falar sobre Sandro naquele momento. — Nathy, eu juro que não queria criar essa tensão entre nós duas, mas eu senti a necessidade de te falar a verdade. — Peguei o que era necessário para fazer meu lanche e fechei a porta da geladeira.

— Só pare, Márcia — murmurei enquanto peguei uma faca e comecei a cortar algumas rodela de tomate.

— Tudo bem, Nathy. Não vou mais importuná-la com isso — declarou e ouvi o arrastar de sua cadeira, em seguida, passos seguiram para fora do cômodo.

Soltei o ar pesadamente. Nada daquilo fazia parte do que tinha imaginado para o meu dia de folga. Deixei a faca sobre a bancada da pia e pressionei minha têmpora a fim de minimizar a dor aguda que irradiou em minha cabeça, só que não obtive sucesso.



De frente para o espelho, não senti o menor ânimo para me maquiar,

tampouco, me sentia feliz com o fato de que Sandro chegaria a minha casa dentro de poucos minutos. Ele havia me ligado uma hora atrás. Prefери ocultar minha pretensão ao ligá-lo tantas vezes consecutivas assim que fui questionada.

Tratei-o como se nada tivesse fora do normal. Não mencionei nada do que Márcia tinha me revelado. Sandro também não disse nada referente àquilo, algo que me deixou ainda mais incomodada.

Conferi meu visual mais uma vez e passei a mão pelo pescoço, sentia-me aflita. Contudo, dessa noite não passaria. Precisava de uma explicação, se é que ela existia.

Deixei meu quarto com meu celular em mãos e fiz o percurso até a sala. Abri a porta e Sandro abriu o mesmo sorriso galanteador de sempre, mas não foi o suficiente para me dar segurança. Juntei meus lábios em linha reta e quando ele fez menção de me abraçar, pedi que entrasse e dei um passo para o lado.

Sua expressão denunciou que não esperava aquela atitude.

— O que aconteceu, gata? Não recebo nem um abraço e um beijo? — Ouvi ele indagar, enquanto caminhei até o sofá e me sentei.

— Precisamos conversar, Sandro — anunciei e o assistir bufar antes mesmo de se sentar ao meu lado.

— Diga, gata. — intimou.

— Onde esteve ontem à noite? — Não fiz rodeios.

Sandro pareceu empalidecer; ficar sem voz.

— Na... na minha casa. Onde mais eu poderia estar? — Em sua resposta, ele gaguejou.

Soltei um riso amargo.

— Não, Sandro, você não estava em casa. — Joguei aquela certeza sobre ele, que me encarava sem reação.

— Como pode afirmar isso? Eu deixei avisado a você que não sairia, e não saí — Sandro disse com tanta firmeza, que se eu não tivesse visto as fotos que Márcia me mostrou, e me enviou momentos atrás, talvez eu realmente tivesse acreditado em suas palavras.

Com meu celular em mãos, procurei pelas fotos em que ele se encontrava e joguei o aparelho sobre o seu colo, já que permanecia sentado no sofá.

— Vai negar que é você nessa foto, Sandro? Vai? — inquiri alto.

Notei suas mãos trêmulas enquanto verificava a tela do aparelho. E então sua postura foi de ereta para cabisbaixa em questão de segundos. Assisti ele

colocar o celular no assento ao seu lado e passou uma de suas mãos de modo nervoso em seu rosto.

— O que quer que eu diga? Que me perdoe? Se for isso, me perdoe então, Nathalia. Eu só... fui fraco. Me deixei levar pelo momento. Foi mais forte do que eu — Sua declaração foi um verdadeiro tapa na minha cara. Jamais pensei que ouviria algo desse tipo vindo dele.

— Então você confessa — Não foi uma pergunta, mas uma afirmação.

Sorri com o propósito de espantar as lágrimas acumuladas em meus olhos. Meu coração se comprimiu no peito de tristeza.

— Gata, olha só...

Balancei a cabeça em negativo, evitando olhá-lo e dei um passo atrás ao notar sua aproximação.

— Você já confessou o que eu queria saber, Sandro. Somente isso para mim já basta. — Engoli em seco. Não conseguia acreditar que ele tinha feito aquilo conosco; com o nosso relacionamento.

Tínhamos tantos planos.

— Espere, gata. — tentou me convencer a ouvi-lo.

— Vá embora daqui, Sandro — continuei onde me encontrava e era possível sentir o clima pesado existente em meio à sala.

— Só foi um momento qualquer, Nathalia. Não significou nada! É você quem eu amo. — Não tinha certeza do que senti naquele momento diante de suas palavras. Só precisava ficar sozinha; extravasar de alguma maneira a tristeza que parecia me sufocar por dentro.

Caminhei até a porta e a abri. Lágrimas teimaram em abandonar meus olhos. Naquela altura, foi impossível controlá-las.

— Só vá embora, por favor — anunciei. Sequer o encarei.

Ouvi seus passos pesados em direção a saída e mesmo parando diante de mim, não fiz questão de olhá-lo.

— Vou te dar esse tempo, mas eu volto — Sandro disse.

Assim que passou pela porta, fechei-a rapidamente e me recostei ali mesmo. Deixei meu choro romper por minha garganta. Naquele momento, não quis esconder minhas emoções, pelo contrário.



Capítulo quatro

NATHALIA

Acordei com o barulho do despertador do meu celular. Era hora de levantar para me arrumar e ir para o trabalho. Infelizmente a minha folga havia sido um desastre!

Após desligar o alarme do despertador, deixei minha cama e segui para o banheiro. Assim que fechei a porta, eu me virei para o espelho sobre a bancada da pia e era notável o quanto meus olhos estavam inchados. Balancei minha cabeça em negativo e dispersei meus pensamentos, uma vez que, ao me lembrar do ocorrido da noite passada, automaticamente, um nó se formava em minha garganta. Fiz minha higiene bucal e entrei no Box para tomar banho.

Momentos depois, eu saí do banheiro e caminhei até o meu quarto. Verifiquei que já beirava às cinco da manhã e me apressei para me arrumar. Sequer tomei café da manhã, já que tinha que estar no trabalho às sete da manhã e, eu tinha que pegar o ônibus das cinco e quarenta para estar lá nesse horário.

Saí de casa e trilhei até a parada de ônibus. Não demorou e logo entrei no transporte. Já estava cheio.

Peguei meu celular no bolso da calça e coloquei meus fones de ouvido para me distrair em meio ao percurso até o trabalho. Só então, notei algumas mensagens do Sandro dizendo que me amava e que não deveríamos terminar pelo ocorrido de ontem. Naquele momento, ignorei todos os seus pedidos de perdão.



— Tchau, até amanhã! — Despedi-me do gerente da drogaria em que eu trabalhava como operadora de caixa, após a minha jornada de trabalho ter chegado ao fim.

Apesar de entrar bem cedo, tinha a vantagem de sair mais cedo. Ainda beirava às dezesseis horas. Enquanto subi pela quadra, ouvi meu celular tocar e era a Márcia.

— Oi! — Ela falou de modo cauteloso, deu pra perceber em seu timbre de voz.

— Oi — respondi.

— Espero que não esteja chateada comigo, Nathy — mencionou.

— Não se preocupe com isso — fui sincera.

— Você está bem? — indagou com preocupação.

— Não, mas uma hora eu meloro — Não escondi o quão triste me encontrava com toda aquela situação.

— Espero que seja logo, Nathy. O Sandro não merece sua tristeza. Além disso, liguei para avisar que vou dormir na casa da minha prima hoje. Amanhã a gente se vê — avisou.

— Tudo bem.

— Vai ficar realmente bem? — questionou novamente, preocupada.

— Não se preocupe comigo, Márcia. Sei me cuidar — anunciei.

Ouvi ela rir.

— Beleza. Até mais.

— Até — despedi-me e encerrei a ligação.

Cheguei na parada e aguardei o ônibus.



De banho tomado, assistia à novela que estava passando na televisão. Já passava das dezenove horas. Sandro havia tentado falar comigo, mas não fiz questão de responder suas mensagens e nem atender suas ligações. Ainda estava muito magoada com ele.

Quando menos esperei, alguém bateu palmas no portão. Saí de *baby-doll* e Sandro estava lá. Cruzei meus braços e o encarei de olhos semicerrados.

— Me deixa entrar, gata. Eu vim para conversar, vai! Nem dormi essa noite, porque você não respondeu minhas mensagens. Esperei o dia passar só para vir ter essa conversa com você — relutei internamente comigo mesma, mas não demorou muito e lá estava eu, abrindo o portão para ele.

Quando Sandro fez menção de se aproximar de mim, adiantei:

— Só entra, antes que eu me arrependa de tê-lo deixado atravessar este portão — comentei.

Então ele seguiu na frente e entrou na minha casa. Fechei a porta ao atravessá-la. Respirei fundo antes de ir até o sofá e me sentar ao lado de Sandro. Precisava de forças, uma vez que, ao estar em sua presença, tudo mudava. Até mesmo as minhas decisões.

— Veio para inventar mais explicações sem fundamentos, Sandro? —

tentei me fazer de forte.

— Gata, vamos parar com isso, hum?! Eu vim aqui para fazermos as pazes, voltarmos a ser o casal que éramos antes. Sei que pisei na bola contigo, mas já passou. — ponderou. — Olha, eu juro que não farei mais isso. Já disse que é você quem eu amo e estou sendo sincero. — Sandro se aproximou de mim e pegou uma das minhas mãos entre as suas e a levou até seus lábios, beijando-lhe o dorso. Seu gesto fez com que meu coração se aquecesse novamente.

Tentei tirar minha mão das suas, mas foi em vão. Ele a segurou firme.

— Não vê que querem nos separar? — Foi difícil segurar meu riso irônico.

— Você não vê que a culpa de termos nos separado é somente sua, Sandro? Você me magoa e ainda quer ter razão de alguma coisa? Faça-me o favor! — bradei.

— Tá bom, gata. Tem toda razão. Mas sua amiga não tinha que ter ido fazer sua cabeça contra mim. Ela deve ter feito isso por não aguentar nos ver juntos. Só pode estar me querendo — Às vezes, Sandro ultrapassava todos os limites.

— Deixa de ser ridículo! — vociferei.

Quando menos previ, Sandro se ajoelhou aos meus pés e apoiou suas mãos em meus joelhos.

— Eu te amo, gata. Me perdoe, por favor! — pediu, olhando-me nos olhos.

Encarando-o profundamente, senti uma pontada de sinceridade em seu pedido. Parecia ser verdadeiro. Meu coração palpitou diante daquela constatação.

Deixei-o ajoelhado por mais alguns minutos, enquanto pensava. Não levou muito tempo para tomar minha decisão. Notei seu olhar apreensivo.

— Tudo bem, Sandro. Eu te perdôo. — Ele abriu um sorriso amplo e me puxou num abraço apertado.

— Eu juro que você não vai se arrepender — disse com veemência.

— Assim espero, Sandro. — Eu realmente queria que déssemos certo, por isso havia decidido dar a ele mais uma chance.

Apesar de ainda me sentir magoada pelo que ele tinha feito comigo, ainda assim, eu gostava dele. Tínhamos planos para o futuro. E, no momento, minha decisão pareceu ser a mais correta.



Capítulo cinco

NATHALIA

Cheguei do trabalho e depois de deixar minhas coisas no quarto, segui para o banheiro e tomei um banho relaxante. O dia tinha sido exaustivo, mas nada me faria frear a nova rotina que havia decidido tomar em meu dia a dia. Saí do banheiro enrolada numa toalha e fiz o caminho de volta até o meu quarto.

Sequei-me e vesti uma roupa confortável para dar uma caminhada pela quadra onde morava. Minha nova meta era ficar em forma; ao menos sair do meu sedentarismo. Talvez desse modo, o Sandro pudesse me enxergar de outro jeito, e não como uma garota que mal trabalhava e sequer pensava em seu bem-estar físico.

Calcei o tênis e com meu celular e fone de ouvido em mãos, trilhei até a cozinha. Abri o armário à procura de uma garrafinha que pudesse levar água para beber em meio ao percurso que faria a caminhada. Assim que achei, ouvi o barulho da porta da sala sendo aberta e abri a geladeira. Peguei a garrafa de água gelada e enchi minha garrafinha.

— O que aconteceu com você? — Ouvi Márcia questionar.

Sorri meio sem jeito e me virei ao terminar de encher a garrafinha. Recostei-me no balcão da pia e a encarei. Márcia mirou-me dos pés à cabeça.

— Isso é sério? O que aconteceu enquanto estive fora? — Apontou minhas vestes.

Revirei os olhos.

— Eu só pensei em ficar em forma; sei lá! Sair do sedentarismo. Acho que será uma boa. — Dei de ombros.

Márcia riu.

— Você? Sair do sedentarismo por livre e espontânea vontade? Assim, sem mais e nem menos? — Ela estalou os dedos em minha frente, como se seu gesto tivesse a capacidade de me fazer acordar de algum torpor. — Conta outra, Nathy. — Balançou a cabeça em negativo, deixando claro que não tinha acreditado no que eu disse.

Soltei uma lufada de ar.

— Tudo bem. — Respirei fundo. — Eu e o Sandro reatamos. — soltei de uma vez.

— O quê? — Márcia bradou, incrédula.

— Ah, você ouviu bem, Márcia. Ele veio aqui ontem e... me pediu perdão pelo que tinha feito. Também prometeu que jamais faria o que fez novamente. Pareceu ser bem sincero, por isso o perdoei. Resolvi dar mais uma chance para nós dois, porque acredito que teremos um belo futuro — tentei me explicar.

Márcia riu com escárnio.

— Está falando sério? Realmente acredita que um cafajeste como aquele vai te respeitar de agora em diante? — Pisquei algumas vezes sem acreditar em suas perguntas com teor de ofensas.

— Márcia, está me ofendendo desse jeito. Acha que estou sendo burra? É isso que quer dizer? — contive meu tom.

— Aquele cara não a merece, Nathy! Não vê que está completamente cega? Que merda está fazendo da sua vida ao lado de um canalha que sequer a respeita? — indagou, extremamente chateada... comigo.

Engoli o nó que se formou em minha garganta.

— Eu faço da minha vida o que bem entender, Márcia. Não venha me dar sermões como se fosse a melhor nisso! Sequer tem um namorado e vem *pra* cima de mim com esse papo de que o Sandro não me merece? Qual a finalidade de toda essa sua implicância com ele? — rebati.

Márcia soltou sua respiração, parecia cansada.

— Já vi que a errada sou eu. Não deveria ter falado nada para você, é isso que estou percebendo, Nathy. Está tão cega, que não está levando em consideração a nossa amizade de anos! — murmurou. — Esquece o que te falei e faça o que achar melhor da sua vida, uma vez que, pensa que o Sandro é o homem dos seus sonhos, mas tome cuidado. — alertou e deixou a cozinha.

Passei a mão pelo meu pescoço, sentindo-me tensa por aquela conversa. Jamais imaginei que brigaria com minha melhor amiga, ainda mais por decisões que eu julgava corretas para a minha vida. Mesmo chateada com tudo aquilo, eu me virei e peguei a garrafinha.

Saí de casa e ao atravessar o portão, coloquei meu fone de ouvido e escolhi uma música aleatória na minha biblioteca do celular. Comecei a caminhar pela quadra sem ter um rumo certo. Estava muito chateada.

Cheguei à pracinha que ficava a algumas quadras de onde eu morava e me sentei num dos bancos. Tinha um casal sentado em outro mais à frente e fiquei os admirando. Notei que eu e Sandro já tínhamos sido daquela forma, algo que tinha mudado, porém, acreditava que depois da noite anterior, tudo voltaria a

ser daquele jeito.

Com aquele pensamento, caminhei mais algumas quadras e voltei para casa. Entrei no portão e ouvi uma gritaria, parecia a voz da Márcia e... não tive tempo para completar meu pensamento, porque ao abrir a porta com cuidado para não fazer barulho, o ouvi dizer:

— Você não vai contar nada pra ela, está me ouvindo? Se abrir essa sua boca novamente para fazer a cabeça dela contra mim, pode ter certeza que eu darei um jeito para que se arrependa de tê-la aberto.

Arregalei os olhos, assustada com o que tinha acabado de ouvir, mas contive minhas emoções e bati a porta com a intenção de fingir que havia acabado de chegar. Sandro logo apareceu, dando-me um sorriso sacana e veio até mim. Deu-me um beijo arrebatador e quase me esqueci de perguntar o que ele fazia ali.

— O que faz aqui, Sandro? — questionei ao cessar nosso beijo ávido.

— Não tive aula na faculdade hoje, então resolvi fazer uma surpresa para a minha namorada gata. — Mordeu o lábio inferior e piscou maroto, apertando minha cintura.

— Hum... Eu ouvi vozes daqui de dentro quando entrei no portão, estava conversando com a Márcia? — tentei tirar aquela informação dele.

— Ah, ela só falou que você tinha saído para caminhar. Aliás, está uma delícia dentro dessa roupa — mencionou de modo malicioso e acariciou meus braços. — O que acha de irmos para o seu quarto, gata? — Não me passou despercebido que Sandro mudou o foco da nossa conversa, porém, conversaria com Márcia depois. Ela com certeza me diria o que teria acontecido ali antes da minha chegada.

Entrelacei meus dedos com os de Sandro e fomos em direção ao meu quarto. Finalmente parecíamos o casal de antes. Meu coração se aqueceu diante daquela constatação.



Capítulo seis

NATHALIA

Aproveitei que minha menstruação tinha acabado e me joguei literalmente nos braços de Sandro. Daquela vez, não fizemos apenas sexo como estava sendo, nós fizemos amor. Foi tão quente e sensual, que nesse instante, após ele ter ido embora e eu tomado um banho, eu me encontrava jogada sobre a minha cama e ainda abobalhada. Foi maravilhoso!

Ouvi algumas batidas na porta e me sentei na beirada da cama. Márcia colocou a cabeça para dentro e aproveitei para convidá-la a se sentar do meu lado. Ela entrou, deixando a porta aberta e se acomodou ao meu lado.

— Não vai jantar? Eu o preparei quando você saiu para caminhar — Márcia se preocupava tanto comigo, que nem mesmo parecia ser apenas uma melhor amiga.

Naquele momento, eu me condenei mentalmente por ter me chateado com ela mais cedo. Estava claro que seus sermões eram sinônimos de preocupação. Certa sobre aquilo, eu a puxei para um abraço apertado.

— Eu não sei como ainda brigo com você. Se preocupa tanto comigo, mesmo depois do que te falei — murmurei, e Márcia retribuiu meu abraço.

— Somos amigas, Nathy. Não vai ser o Sandro que destruirá uma amizade que foi construída há anos — mencionou.

Afastamo-nos e a encarei.

— Márcia, eu agradeço muito pela sua amizade verdadeira, mas vou te fazer uma pergunta e quero que seja sincera, por favor — falei e ela assentiu. — O que o Sandro te disse, antes de eu chegar aqui? — Márcia desviou seu olhar do meu e percebi que talvez não me falasse a verdade.

— Eu não vou mais me intrometer na relação de vocês, é só isso que tenho para te falar, Nathy. — deixou claro e se levantou.

— Mas...

— Eu vou dormir, e não se esqueça de jantar — Márcia se pronunciou, sem deixar brechas para que eu pudesse insistir no assunto.

Então, eu apenas a agradei e, ela deixou meu quarto, fechando a porta ao sair. Deitei sobre a cama e mirei o teto. As palavras que Sandro disse a Márcia, martelavam na minha cabeça.

Tentei a todo custo pensar em algo que pudesse me fazer ter uma ideia do

que ambos me escondiam, mas foi em vão. Não consegui encontrar nada em minha memória. Márcia era uma amiga de anos atrás, não podia levantar a hipótese de que estivesse me traindo com Sandro. Ou poderia?

Sem qualquer resposta para as minhas divagações, eu me ajeitei corretamente sobre a cama e levou algum tempo para que eu pegasse no sono.

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

— Já jantou? — Márcia chegou do trabalho e, eu estava jogada sobre o sofá, assistindo uma série na televisão.

— Não, estou sem fome — menti.

— Está falando sério? Há algumas semanas você vem falando que está sem fome para jantar. Tem algo acontecendo? — Márcia desconfiou.

— O que está insinuando? — Sentei sobre o sofá e a encarei.

— Não sei. Talvez esteja grávida do Sandro. Se for isso...

Sorri.

— Deixa disso, Márcia. Sabe muito bem que me cuido. — falei, querendo que ela acreditasse em mim. Eu falava a verdade.

Ela me encarou com um semblante sério, como se conseguisse me ler internamente.

— Espero que isso seja verdade, porque já sabe qual seria minha opinião em relação a isso — comentou com convicção.

— É, eu sei — mencionei.

— Mesmo assim, vou preparar algo para comermos. Se acaso sentir fome mais tarde, terá o que comer — agradei pela gentileza e voltei a me deitar no sofá.

Há algumas semanas, eu vinha fazendo uma dieta rigorosa para perder alguns quilos que julgava ser necessário. Já tinha emagrecido um pouco e vi como um grande progresso. Algumas calças já estavam folgadas em minha cintura e, eu me sentia feliz.

Minhas caminhadas continuavam a todo vapor. Sempre que chegava do trabalho, eu fazia um percurso de quarenta minutos. Mais cedo, eu senti uma tontura quando voltava para casa, mas nada alarmante, porque logo passou.

O próximo dia seria a minha folga e, eu aproveitaria para fazer minha caminhada mais cedo. À noite, Sandro viria me ver e pensei em ir até uma lojinha para comprar uma lingerie nova. Queria mostrar o quanto meu corpo estava em forma. Com certeza ele ficaria louco!



No dia seguinte, eu acordei cedo, tomei um banho e vesti um top com uma legue para caminhar. Peguei meu celular e segui para a cozinha. Inalei o

cheiro do café ao me aproximar do cômodo e encontrei Márcia terminando de despejá-lo na garrafa.

— Acordou animada hoje? — comentou e, eu dei de ombros.

— Sim. Vou aproveitar meu dia de folga. Mais tarde irei até uma lojinha comprar uma lingerie para usar a noite com o Sandro. — Márcia balançou a cabeça em negativo, mas não disse nada.

Desde a ocasião em que os escutei ali, Márcia não falou mais sobre o meu relacionamento com ele. Aliás, nosso namoro estava sendo perfeito. Sandro realmente me fazia bem.

— Vai entrar mais tarde no trabalho? — indaguei, querendo mudar aquele clima estranho que se instalou de repente entre nós.

— Sim. Troquei com uma colega para entrar no período da tarde, então, só chegarei à noite — avisou. — Espero que faça a janta e coma. Aliás, a senhorita jantou ontem? — inquiriu.

— Claro — menti.

Evitei comer o sanduíche que Márcia havia feito para mim, apenas tomei o café puro e peguei uma maçã na geladeira. Após encher minha garrafinha de água, eu me despedi dela e saí para caminhar. Estava há algumas quadras de onde morava quando senti novamente uma tontura.

Parei um pouco e respirei fundo, soltando o ar em seguida. Quando pensei estar bem, decidi fazer o meu percurso de volta para casa, então acelerei os passos. Não cheguei longe, já que comecei a ver alguns pontinhos pretos, e de repente, um breu tomou conta dos meus olhos.



Capítulo sete

NATHALIA

Senti-me sendo balançada e logo um perfume amadeirado preencheu minhas narinas. Acordei um pouco zonza, mas rapidamente meus olhos se ajustaram à claridade do local, e foi quando tomei um susto ao perceber que estava nos braços de um homem lindo, mas desconhecido. Diante do meu susto, ele notou que eu tinha acordado.

— Calma, moça. Eu estava vindo à clínica e vi o exato momento em que você desmaiou no meio da rua. A propósito, eu me chamo Miguel — explicou e me tranquilizou. — Como é o seu nome?

Após sua pergunta, eu percebi que entramos em um quarto, e próximo da cama havia um homem branco, de olhos azuis e cabelos grisalhos, que me encarava em pé; ele vestia um jaleco e tinha uma prancheta nas mãos.

— Meu nome é Nathalia — respondi e fui colocada sobre a cama do leito. Massageei minha têmpora. — Onde estou? — indaguei, confusa.

Olhei ao redor e notei que mais uma moça nos fazia companhia. Porém, notei que era uma enfermeira.

— Sou o Dr. Denis, e você está em minha clínica — O homem branco e de cabelos grisalhos, se apresentou. — Vou te fazer algumas perguntas, tudo bem? — questionou.

Assenti.

— Tem algum histórico de saúde ruim?

— Não.

— Já havia desmaiado outras vezes? — enquanto ele me perguntava e, eu respondia, ele anotava algo na prancheta que tinha em suas mãos.

— Não. Só uma tontura ou outra nessa semana — fui sincera.

— Tem se alimentado corretamente?

— Ultimamente não — ocultei a dieta rigorosa que vinha me impondo há semanas.

E, então, ele me fez mais algumas perguntas e o respondi.

— Com essas informações, mesmo assim, eu pedirei o exame de sangue para descartar a suspeita de gravidez.

Soltei um riso divertido.

— Não estou grávida, doutor — anunciei.

— Mesmo assim, vou solicitar os exames. Sorte sua que o meu filho a viu desmaiar — comentou e encarei o homem, que se apresentou como Miguel, ao lado do Dr. Denis. Eles se pareciam, apesar da visível diferença de idade.

— E, eu agradeço muito pelo socorro prestado a mim. Nem sei como agradecer — proferi, sem graça.

— Pode aguardar os resultados dos exames. Está com fome? — perguntou, de repente.

— Estou sim — disse a verdade.

— Vou trazer algo para você comer — Miguel comunicou.

Comprimi meus lábios após agradecê-lo e ele deixou o quarto. Dr. Denis e a enfermeira permaneceram. Ela colheu as amostras de sangue e logo me deixaram a sós.

Só após estar sozinha, eu pude soltar o ar, me sentindo um pouco aliviada. Olhei ao redor do quarto e tudo era muito organizado. Pensei em comunicar Márcia, mas só iria preocupá-la à toa.

Parei alguns instantes e questionei a mim mesma: Como um homem, que sequer me conhecia, havia se preocupado em me levar para a clínica do seu pai?

Ao lado da cama, havia uma mesinha, e sobre a mesma, um copo com água. Peguei-o e bebi todo o líquido, já que minha garganta se encontrava seca. Logo coloquei o copo vazio sobre o cômodo.

Demorou algum tempo até que a porta fosse aberta, e então avistei o Miguel entrar. Foi inevitável não analisá-lo da cabeça aos pés. Ele era um belo homem, isso eu não podia negar.

Ele era alto e branco, cabelos negros e curtos. Sua barba rala lhe dava um charme a mais. Não me passou despercebido o quão encorpado ele parecia por cima de suas vestes brancas, que só naquele momento eu havia parado para observar.

— Está se sentindo melhor? — deixei minhas inspeções de lado ao ouvir sua pergunta.

— É, parece que sim — falei. Encontrava-me um pouco sem jeito.

Não pude deixar de notar seu riso de canto angelical.

Acompanhei com meu olhar, quando ele arrastou uma cadeira para se sentar perto da cama. Mais uma vez, seu perfume marcante se impregnou em minhas narinas. Miguel me encarou por um tempo e estendeu um pacote para

mim. Peguei-o e ao abrir, havia um sanduíche e uma caixinha de suco.

— Muito obrigada. — Quase chorei naquele instante. Ter pessoas que sequer me conheciam, preocupadas comigo, não era algo costumeiro na minha vida.

— Não precisa agradecer.

Assenti.

Dei uma mordida generosa no sanduíche e saboreei o seu sabor. Há semanas, eu vinha me privando de comer qualquer tipo de massa, mas, naquele momento, só me importei em matar a fome gigantesca que sentia. Em seguida, bebi um pouco do suco.

— Parece que realmente estava com fome — comentou.

Evitei responder, já que minha boca estava cheia. Então, apenas balancei a cabeça, confirmando o que dissera.

O silêncio reinou entre nós. Miguel apenas ficou ali, sentado, me olhando saborear meu lanche. Confesso que fiquei desconcertada com toda a sua atenção voltada a mim.

— Olha, eu realmente agradeço pelo que fez por mim. Não sei o que teria me acontecido se você não tivesse passado na hora em que desmaiei — ditei, após terminar meu lanche.

— Não se preocupe com isso. Mas tenho de concordar com você. — Sorri, e passei a mão pelo meu pescoço. Sentia-me um pouco desconfortável ali.

— Obrigada pelo lanche — agradei novamente.

Miguel estendeu sua mão para mim e apontou para o pacote sobre o meu colo, o qual tinha levado o lanche para mim. Entreguei-o.

— Meu pai vai cuidar de você. Vamos aguardar os resultados do exame de sangue saírem, e então veremos se está tudo certo. — Encolhi-me sobre a cama, um pouco preocupada com o que poderiam resultar os exames.

Concordei e Miguel se levantou da cadeira.

— Preciso ir agora. Mais tarde eu volto para saber sobre os resultados. — Sorri, agradecida.

Logo ele deixou o quarto.

Meu dia de folga estava sendo completamente diferente do que tinha planejado. Jamais imaginei que desmaiaria no meio da rua e que um estranho iria se preocupar tanto comigo, a ponto de me trazer para a clínica do próprio pai. Só então me lembrei que poderia ligar para avisar ao Sandro o que tinha acontecido,

mas percebi que sequer havia perguntado sobre meu aparelho ao Miguel.
O jeito seria aguardar o seu retorno.



Capítulo oito

NATHALIA

Ao me sentir realmente bem, eu me levantei da cama e caminhei pelo quarto. As horas pareciam se arrastar. Sequer tinha acesso a um relógio, uma vez que, estava sem o meu celular.

Aflita pela vinda do Dr. Denis, ou do Miguel, com os resultados do meu exame de sangue, eu voltei a me acomodar na cama e aguardei. Muito tempo se passou, até que o Dr. Denis e Miguel entrassem ali. Soltei o ar, aliviada por vê-los.

— Que bom que vocês chegaram. Eu pensei que as horas não fossem passar nunca! — comentei.

— Acalme-se, Nathalia. — pediu e, eu assenti.

Então, o Dr. Denis folheou os papéis que tinha em mãos e riscou algo em um deles. Miguel observava o que o pai analisava e, eu olhava fixamente para os dois, aguardando uma posição sobre o que teria resultado o exame. Não demorou muito, até que me encararam.

— O exame de Beta HCG, realmente deu negativo. — Soltei o ar, me sentindo tranquila ao ouvir aquilo. — Entretanto, o outro exame deu uma alteração considerável na sua hemoglobina. Não é nada grave — proferiu, me olhando de modo inquisidor.

Notei que Miguel também me encarava com um semblante sério. Ambos pareciam esperar algum posicionamento da minha parte. Soltei um riso nervoso.

— Hum... Talvez eu não esteja me alimentando direito há um tempinho — tentei amenizar aquele assunto.

— E o que exatamente isso quer dizer, Nathalia? — Miguel indagou.

Tentei pensar em uma desculpa rápida, mas não consegui. Por fim, eu me tornei cabisbaixa e encarei minhas mãos sobre o meu colo. Encontrava-me sentada na cama.

— Há algumas semanas, eu me impus uma dieta rigorosa. Vinha evitando comer direito. Nem mesmo lanchava pela manhã — confessei de uma vez por todas.

— Tem noção do perigo que corria, Nathalia? Isso poderia virar uma anemia, variando da mais simples, até uma de nível mais grave — Miguel me repreendeu. Parecia não ter gostado do que eu falei. — Está querendo se matar?

— Não! Na verdade, eu só queria ficar em forma para o meu namorado — proferi um pouco mais baixo do que o normal.

— Que absurdo! — Miguel exclamou, descrente diante das minhas palavras.

— Meu filho tem razão, Nathalia. Você não pode fazer dieta sem ter o acompanhamento de um bom profissional. O que fez foi uma verdadeira loucura. Ainda bem que veio parar aqui, antes mesmo que algo pior acontecesse — completou o sermão.

— A sorte é que para virar uma anemia, mesmo que simples, levaria no mínimo, uns cento e vinte dias para acontecer, mas não foi o seu caso, porque me parece que essa sua maluquice de dieta rigorosa começou há pouco tempo. — Engoli em seco ao ouvir sua explicação, com teor de repreensão.

Soltei uma lufada de ar, me sentindo péssima por ter me exposto ao perigo daquela forma.

— Agora percebo que o que fiz foi realmente uma loucura. Mas prometo que, daqui em diante, irei me cuidar direitinho — comuniquéi aos dois e os encarei.

— Espero verdadeiramente que se cuide. É uma moça jovem, tem toda uma vida pela frente. Não brinque com o que tem de mais precioso: a sua vida. — aconselhou-me e assenti, comprimindo os lábios.

Ele estava coberto de razão, por mais que fosse difícil reconhecer aquilo. E então, eu me senti um pouco envergonhada, porque minha dieta louca poderia ter resultado em algo bem pior. Algo que não queria nem imaginar.

— Eu prometo. Mas o que tenho de fazer para que minha hemoglobina volte ao normal? — questionei.

— Como anda em falta de uma alimentação correta, isso causa falta de ferro e vitaminas. É fundamental comer alimentos ricos em ferro e, junto com eles, incluir alimentos ou sucos com vitamina C, pois esta vitamina aumenta a absorção de ferro pelo organismo. — explicou. — Eu vou te passar uma lista de alimentos e sucos que podem ajudar a melhorar o ferro e as vitaminas em seu organismo. — Assenti, agradecida. — Agora, eu terei que ver outros pacientes, mas antes, pedirei que a enfermeira Daniela traga a lista para você.

— Muito obrigada pelo que fizeram por mim. — Eu me encontrava emocionada ao direcionar meu agradecimento aos dois. — Quanto esse atendimento vai me custar? — perguntei.

— Não vamos te cobrar nada. Miguel a trouxe em sua responsabilidade

— Dr. Denis pontuou.

— Mas pode me agradecer cuidando da sua saúde, hum?! — A voz do Miguel ressoou em meio ao cômodo e o encarei, encontrando-o com um sorriso simpático.

Concordei ao fechar meus lábios em linha reta.

Em seguida, Dr. Denis se despediu com um aperto de mão e me desejou melhoras. Mais uma vez, eu o agradei e logo deixou o quarto. Porém, Miguel permaneceu.

— Ia me esquecendo de te entregar. — Retirou algo do bolso e vi que era o meu celular.

— Ah, muito obrigada! Com toda essa confusão, acabei me esquecendo de te perguntar sobre isso — falei.

— Tem alguém para buscá-la? — indagou.

— Sim. Vou fazer a ligação. — Miguel assentiu e deixou o quarto ao dizer que me daria privacidade.

Olhei a tela do meu celular e só havia algumas mensagens de Márcia, demonstrando preocupação por minha demora na caminhada. Notei pelo horário que ela deveria estar se arrumando para o trabalho. Então disquei o número de Sandro.

Chamou algumas vezes e caiu na caixa de mensagens. Não desisti. Disquei novamente seu número e depois de tocar algumas vezes, ele atendeu.

— Oi, gata.

— Oi, amor! — falei com entusiasmo.

— Qual é a boa? — indagou.

— Então, eu sei que está no trabalho, mas acontece que passei mal pela manhã e estou numa clínica. Acabei de passar pela consulta médica. Poderia vir me buscar? — expliquei.

— Não vai dar, gata. — Antes que eu pudesse tentar fazê-lo mudar de ideia, Sandro pareceu afastar o celular e conversar com alguém, mas logo voltei a ouvir sua voz. — Escuta, vou ter que atender um cliente agora, mais tarde a gente se fala. Um beijo, gata. — ditou e encerrou a ligação.

Naquele momento, só consegui chorar. Lágrimas deixaram meus olhos em abundância. Sentada na cama, eu dobrei minhas pernas e abracei meus joelhos.

Sandro nem havia demonstrado preocupação quando eu disse que tinha

passado mal e que estava no médico. Nem mesmo perguntou o que tinha me acontecido. Muito menos no que teria resultado.

Quando percebi, eu estava tendo uma crise de choro. Chorei como há muito tempo não havia chorado em minha vida. O homem que dizia me amar, sequer se preocupava comigo; com a minha saúde.



Capítulo nove

NATHALIA

Ainda chorava muito quando Miguel retornou ao leito. Eu me virei para o lado a fim de esconder meu choro, mas foi em vão. Sentia-me péssima emocionalmente.

— Me desculpa, eu...

Interrompi.

— Não precisa se desculpar. Eu que não consegui me controlar — falei enquanto tentava secar minhas lágrimas.

— Quer... Bom, se quiser conversar...

Voltei a interrompê-lo.

— Não precisa se preocupar com isso, não é nada. Apenas não tenho alguém para vir me buscar. É só isso — expus a verdade.

— Eu posso levá-la para casa, já que terei que sair para almoçar. — ele se ofereceu.

Consegui conter meu choro, e então me virei para encará-lo.

— Não quero te atrapalhar — pontuei.

— Não vai me atrapalhar em nada. Vai mesmo para casa? — perguntou, de repente.

— Sim. — Funguei.

— Já que estou indo almoçar, não quer me fazer companhia? — Eu o olhei, surpresa pelo convite. Antes que eu pudesse recusar, ele continuou: — Não aceito que recuse meu convite. Além disso, veja como uma forma de me agradecer por eu levá-la para casa. — Comprimi meus lábios, pensativa.

— Tudo bem, eu aceito. Porém, acho que não estou com a roupa adequada para entrar num restaurante. — Apontei minha roupa e me abaixei para pegar um dos meus tênis. Comecei a calçá-lo.

— Deixa de modéstia. Para mim, você está perfeita. — Olhei-o no exato momento que me secava com seu olhar. Abaixei-me para calçar o outro tênis e pude sentir minhas bochechas esquentarem.

— Então vamos. — Dei de ombros ao terminar de calçar meu tênis, e Miguel me estendeu uma folha.

— É a lista de alimentos e sucos que o meu pai disse que daria a você.

Aproveitei que fui até a sala dele e trouxe. — Peguei a folha e passei os olhos rapidamente.

— Muito obrigada. — Miguel sorriu, e então, seguiu para a saída. Segurou a porta para mim e deixamos o hospital.

No estacionamento, eu me surpreendi com seu jeito cavalheiro de ser. Abriu a porta do veículo para mim, em seguida, eu me acomodei no banco do carona, para depois colocar o cinto de segurança. Miguel deu a volta e se sentou atrás do volante, fazendo o mesmo.

— Costumo almoçar em um restaurante que fica a algumas quadras daqui — mencionou e apenas assenti.

Logo saímos dali.

Enquanto o percurso foi feito, eu pensei seriamente no relacionamento que vinha tendo com Sandro. Havia relevado tanta coisa em prol da nossa felicidade, que acabei tapando os olhos para o que sempre esteve sendo esfregado na minha cara. Estava carregando um namoro, sozinha nas costas. Abri mão do meu sonho de cursar a faculdade de designer de interiores por não ter apoio daquele que fazia questão de dizer que me amava.

Pressionei minha têmpora, sentindo minha cabeça doer minimamente. Uma dor tomava conta do meu coração: decepção.

Miguel logo estacionou em frente ao restaurante. Assim que entramos, mais uma vez, o seu gesto cavalheiro estava presente ao puxar a cadeira para mim. Sandro nunca havia feito aquilo.

Condenei-me internamente por estar pensando nele, mas era mais forte do que eu. Porém, a partir daquele momento, eu havia decidido o que faria. Com certeza ele iria até a minha casa à noite e seria onde conversaríamos.



— A comida estava divina, Miguel. Muito bom o restaurante — comentei, destravando meu cinto de segurança.

— Fico feliz que tenha gostado. — Miguel sorriu, ficava mais lindo do que já era.

— Olha, eu agradeço pela gentileza, e por tudo que você e o seu pai fizeram por mim. Muito obrigada mesmo. — Ele me encarava de forma profunda.

De repente, soltou um riso de canto.

— Foi um prazer conhecê-la, Nathalia. — Sorri meio sem jeito.

Miguel se inclinou em minha direção, e diante de sua aproximação, minha respiração acelerou consideravelmente. Porém, ele abriu o porta objetos e notei que havia pegado uma agenda.

— Eu tive uma ideia... — Ele abriu a agenda e pegou uma caneta dentro da mesma. — Me fala seu número — pediu.

Não tive o que pensar, apenas ditei o meu número a ele. Em seguida, agradeceu e, eu deixei o veículo. Acenei quando Miguel acelerou e saiu dali.



Durante a tarde, resolvi fazer faxina em casa. Isso me acalmava quando me sentia péssima emocionalmente, ou decepcionada como me encontrava por causa da atitude do Sandro mais cedo.

Recolhi alguns pertences dele, que estavam em meu quarto, e coloquei todos em um saco plástico. Confesso que não havia sido fácil tomar aquela decisão, mas já era hora de parar de carregar um relacionamento, sozinha sobre os meus ombros. Percebi que não valia à pena.

Por diversas vezes, os conselhos de Márcia tomaram minha mente durante o período da tarde, os quais levei em consideração para tomar a decisão de terminar com o Sandro de uma vez por todas. Com essa decisão em mente, deixei o saco plástico sobre o sofá da sala e dei uma geral no meu quarto. Às dezoito horas, terminei de fazer a janta para aguardar a Márcia, já que ela chegaria tarde.

Trocamos algumas mensagens quando cheguei do almoço que tive com o Miguel. Falando nele, recebi uma mensagem de um número desconhecido, horas depois, onde dizia: "Salva meu número. Beijos, Miguel."

Eu sorri ao ver sua mensagem. Não esperava que ele realmente fosse me contatar. Seu gesto me fez esquecer um pouco sobre o quão decepcionada estava com o Sandro.

Por volta das vinte horas, ouvi baterem palmas no portão. Saí pela porta e o frio me contemplou, mas já havia colocado uma blusa grossa. Sandro estava lá, com aquele sorriso que tanto amei um dia, mas que agora, apenas me fazia sentir raiva.

Entramos em casa e ele me abraçou por trás, me chamando de gata. Aquilo foi o estopim. Saí dos seus braços e caminhei para longe dele.

— Precisamos conversar, Sandro — falei, me mantendo distante.

Ele revirou os olhos, demonstrando tédio.

— O que foi agora? — percebi sua impaciência.

— Não está mais funcionando entre nós. Acabou, Sandro — ditei.

Ele riu.

— Vai me dizer que a Márcia foi fazer sua cabeça novamente? — indagou.

— Quê? Não! A Márcia...

Ele me interrompeu.

— Não acredite nela, tudo bem? Eu jamais daria em cima dela. A única mulher que amo é você. — parei ao ouvir sua confissão.

Naquele instante, o mundo parou ao meu redor. Engoli o nó que se formou em minha garganta ao me recordar de sua ameaça a Márcia, algumas semanas atrás. Só então, tomei ciência do namorado monstruoso que eu tinha.

Márcia tentou me aconselhar por diversas vezes que ele não prestava, mas fui burra em não ouvi-la. Sandro era tão manipulador, que conseguiu me fazer de trouxa por mais de um ano. Lágrimas escaparam de forma involuntária dos meus olhos, mas me contive.

— Saia daqui, acabou! — bradei e peguei o saco, que tinha seus pertences, sobre o sofá e empurrei contra ele.

Saber que ele tinha dado em cima da minha melhor amiga, foi como sentir um punhal sendo fincado em meu coração. Havia perdoado traição da sua parte uma vez, mas essa atitude extremamente burra que cometi, não se repetiria.



Capítulo dez

NATHALIA

Sandro permaneceu com um sorriso divertido nos lábios.

— Então vai mesmo acreditar na sua amiga? — insistiu com aquele assunto.

— Não preciso acreditar nela, já que ela sequer me falou sobre isso, mas você sim, confessando a sua culpa — pontuei.

— Gata, deixa disso, vai... — tentou fazer a minha cabeça como tantas vezes havia conseguido.

— Vá embora, Sandro. — Apontei para a porta e ele fechou seu semblante.

— Vai mesmo terminar comigo? — indagou, irritado.

— Eu já terminei, Sandro. — deixei claro.

— Gata, não termina comigo. Vamos tentar mais uma vez. — Dessa vez, fui eu quem ri.

— Eu só fico me perguntando: como deixei que me fizesse de trouxa por todo esse tempo? Você nunca se preocupou comigo de verdade. Nem mesmo deve me amar como sempre afirmou — falei.

— De onde tirou isso, gata? Alguém anda fazendo a sua cabeça contra mim. É isso? — Aquela velha conversa já estava me deixando irritada.

— A única pessoa que fez a minha cabeça por todo esse tempo foi somente você, Sandro — falei com firmeza.

— Não fiz sua cabeça. Se nós estamos juntos é porque nos amamos.

— Eu te amei, Sandro, mas você não me amou por igual. Caramba! Eu fiz uma dieta rigorosa para meu corpo ficar em forma só por sua causa — confessei.

— Eu não pedi que fizesse dieta alguma. Fez porque quis — debochou. Lágrimas voltaram a nublar meus olhos.

— Vá embora, Sandro.

— Não vai mesmo continuar comigo? — questionou.

— Não. Já deveria ter dado um basta nesse relacionamento há muito tempo.

— Já que não vai continuar comigo, eu vou falar uma coisa para você. —

Sandro se aproximou, mas cruzei meus braços na defensiva e dei um passo para trás. — Eu só comecei a namorar você, porque um amigo meu tinha me falado que vocês já tinham transado e que você era muito gostosa. Entretanto, fui surpreendido quando fomos ter nosso primeiro sexo e me deparei com uma virgem sem sal; nada do que o ouvi me dizer. — Mesmo que suas palavras tivessem sido um verdadeiro tapa na minha cara, eu me mantive em postura reta, fingindo que aquilo não havia me afetado em cheio. — Além disso, sempre que eu saía da sua casa, eu ia para festas. Não minto que fiquei com várias mulheres após me embriagar. No entanto, já faz tempo que não tenho um bom sexo, porque com você, é sempre muito sem graça. — Não medi minha próxima ação. Estava magoada demais para raciocinar direito. Quando menos previ, senti o atrito da palma da minha mão contra o rosto dele, e lágrimas banharam meu rosto.

— Vá embora daqui! — gritei, distante dele.

Sandro massageou o local que tinha recebido o tapa, e riu, zombeteiro. Mas logo saiu pela porta com o saco plástico nas mãos. Segui atrás dele e para minha surpresa, Miguel estava no portão.

Arregalei meus olhos, tentando conter minhas lágrimas, mas foi em vão.

— Olha o que temos aqui — Sandro disse ao sair pelo portão, e encarar o Miguel.

— Nathalia, eu não sabia...

— Você comeu ela? — Sandro confrontou Miguel, aproximando-se dele.

Miguel riu.

— Esse é o seu namorado? — Miguel perguntou com deboche, sem olhá-lo.

— Ex-namorado — pontuei.

— Ótimo — Miguel respondeu, não dando a mínima para o Sandro, que parecia querer intimidá-lo.

— Comeu ela, ou não? — Sandro voltou a fazer aquela pergunta escrota.

Mas não estava preparada pelo próximo movimento do Miguel, que socou o nariz do Sandro levando-o ao chão por causa do impacto.

— Cala essa sua boca, idiota! — Miguel vociferou.

Corri até ele para ver se estava tudo bem, já que ele sacudiu a mão, como se estivesse doendo.

— Se machucou? — quis saber ao me aproximar.

— Não, estou bem. — sua resposta me tranquilizou.

Já havia conseguido conter o meu choro. Vi Sandro se levantar com o nariz sangrando, mas não disse mais nada. Apenas saiu caminhando.

— É melhor não voltar mais aqui! — Miguel gritou para ele, que olhou para trás e apressou seus passos.

Eu ri, porque foi inevitável.

— É um frouxo mesmo — proferi, divertida.

— Eu passo medo nesses covardes — Miguel brincou, rindo.

— Quer entrar? — Assentiu, e entramos. — O que veio fazer aqui a essa hora? — indaguei, confusa.

— Vim trazer isso. — Ele me entregou minha garrafinha de água, o qual tinha levado mais cedo na corrida.

— Ah, muita gentileza sua vir aqui só para isso. — Peguei a garrafinha e coloquei sobre a mesinha, ao lado do sofá.

Miguel me encarou com um olhar profundo e, eu me senti acuada diante do seu gesto. Notei que ele se aproximou e parou de modo altivo na minha frente. Tínhamos uma diferença considerável na altura.

— Você é uma moça muito bonita, Nathalia. Não deveria chorar por um canalha como aquele, que não sabe tratar uma verdadeira mulher — referia-se ao Sandro. — E não, eu não vim até aqui só para entregar a sua garrafinha. — Soltei um riso e abaixei meu olhar, mas ele suspendeu o meu queixo com seu dedo indicador e voltou a me olhar profundamente. — Vim para convidá-la para sair comigo — sua resposta me pegou desprevenida.

— Podia ter me enviado só uma mensagem, não precisava ter se deslocado até aqui — pontuei.

— Por mensagem não seria a mesma coisa, porque eu não a teria tão próxima. — Ele se abaixou e passou o nariz por minha nuca, como se inspirasse meu cheiro. Todos os pêlos existentes em meu corpo estavam eriçados.

O perfume dele era marcante. Cheiro de homem de verdade. Diferente do perfume que Sandro usava.

— E-eu aceito. Mas amanhã, eu trabalho — Não foi preciso pensar duas vezes.

— Não tem problema. A gente sai para jantar, ou ir ao cinema. Você pode decidir e me avisar depois. — Ele voltou a encarar meus olhos e desceu sua boca próxima a minha, mas apenas depositou um beijo no canto dos meus lábios.

Gesto que me deixou zozza e que me fez engolir em seco. — Eu te ligo amanhã.
— Em seguida, ele se afastou.

Sorri sem jeito.

— Bom, é melhor eu ir — avisou.

— Obrigada por... ter socado o meu ex. Ele mereceu — agradeceu.

— É. Cheguei em uma boa hora — pontuou, divertido.

Rimos.

— Foi sim. — confirmei.

— Então tenha uma boa noite. — Desejou-me.

— Para você também. — Miguel agradeceu e, eu o acompanhei até o portão. Vi ele entrar em seu carro e, em seguida, foi embora. Caminhei para dentro de casa e senti meu coração batendo acelerado.

Pela lógica, por eu ter terminado um relacionamento nessa mesma noite, eu não deveria pensar em sair, ou qualquer coisa do tipo com outro homem, mas sentia que Miguel era diferente, até pelas suas atitudes. Só esperava que dessa vez, minhas impressões não fossem por água abaixo como aconteceu com Sandro.

Por fim, decidi que eu merecia ser feliz. Então eu o conheceria com calma. Se fosse pra dar certo, então iríamos descobrir mais adiante.



Último capítulo

— Como estou? — Girei no meio do quarto, enquanto Márcia me olhava. Notei que ela sorria.

— O que foi? Não está legal? — Me preocupei. Corri até o espelho e passei a mão pelo meu cabelo, que estava solto.

— Você está linda, Nathy — ela se adiantou a dizer.

— E qual o motivo do riso? — Franzi o semblante.

— Só estou radiante por vê-la se arrumando para sair com outro homem sem ser o Sandro. Não sabe o quanto estou feliz por saber que não está mais com aquele nojento. Ainda bem que abriu os olhos. Acho que demorou a acontecer, mas pelo menos enxergou a tempo — pontuou.

Caminhei e me sentei ao seu lado na cama.

— Eu compreendo. Têm certos relacionamentos que simplesmente nos sugam completamente. Sandro sabia me manipular. Eu errei por não ter ouvido seus conselhos, confesso. Mas há coisas que vão acontecendo até que um estalo é dado em sua mente, como se te fizesse enxergar verdadeiramente. — Ela afagou minhas mãos. — O pior foi ter ouvido que não passei de uma simples foda para ele. Nunca pensei que sofreria um tipo de humilhação como essa. Ainda dói muito. — Eu a olhei com os olhos umedecidos, entretanto, não me permiti chorar.

— Isso vai passar, Nathy. Só dê um tempo a si mesma. Faça o que sempre teve vontade de fazer, mas que não podia por causa dele. — Assenti e comprimi meus lábios. — Pelo visto esse Miguel é diferente do traste. — Ri pela forma que ela se referiu ao Sandro.

— Tenho a impressão que sim, mas não quero chegar lá na frente e descobrir que não passou de uma mera impressão, assim como foi com o outro — evitei pronunciar o nome.

— Você não deve julgar todos os homens pelas atitudes de um. Claro que eu peço que vá com calma, porque, realmente, não quero que se machuque novamente, até pelo que aconteceu tão recentemente — ela me aconselhou.

Puxei-a para um abraço reconfortante.

— Você é uma amiga maravilhosa. Obrigada por seus conselhos e, principalmente, por não ter me deixado de lado, mesmo quando o Sandro tentou ficar entre nossa amizade querendo destruí-la — agradei.

Nos desvencilhamos.

— Eu disse que ele não faria nossa amizade acabar. Eu jamais permitiria isso — argumentou.

Apertamos nossas mãos, que permaneceram unidas quando nos afastamos, e ouvi baterem na porta de casa.

— Parece que o seu flerte da noite chegou. — Márcia brincou e, eu ri. — Deixa que eu abro a porta. Termine de se arrumar. — Assenti ao agradecê-la, e ela saiu do quarto.

Levantei e conferi meu visual no espelho pela última vez. Eu estava com um vestido rodado, vermelho. Amava essa cor.

Satisfeita, peguei minha bolsinha já com meus pertences dentro e trilhei até a sala. Cheguei ao momento em que Márcia se apresentava ao Miguel, e ele a cumprimentou de modo cordial. Quando me viu, ele caminhou em minha direção e beijou minha bochecha de forma carinhosa.

Seu gesto me deixou fora de órbita. Meu coração batia desgovernado. Tentei controlar minhas emoções, mas parecia ser impossível.

— Nossa! Você está mais linda do que já é. Não pensei que fosse possível. — Seu modo galante me deixou com as bochechas coradas.

— Obrigada, Miguel. Você também está lindo. — devolvi o elogio ao analisar seu traje, que agora se resumia a uma calça jeans e uma blusa de manga comprida, dobrada até os cotovelos. Nos pés, ele calçava um sapato social. Era uma visão privilegiada.

Olhei por cima dos ombros de Miguel, e Márcia levantou seu polegar, fazendo sinal de positivo, enquanto mantinha sua boca aberta, como se estivesse admirada pela beleza do Miguel. Sorri e abaixei a cabeça.

Logo, nos despedimos dela e saímos pelo portão. Eu entrei no carro após Miguel abrir a porta para mim. Em seguida, tomou o assento ao meu lado.

— E então, aonde pretende me levar? — perguntei, antes mesmo de ele dar partida no carro.

Miguel me encarou com um sorriso, do tipo misterioso.

— Você deixou claro na mensagem, que me enviou pela manhã, que eu teria que surpreendê-la, então, vai ter que esperar chegarmos ao local. — Sorri, divertida, mas concordei e Miguel colocou o carro em movimento.



— É muito bonito aqui — mencionei, olhando ao redor do restaurante que estávamos. Miguel havia me levado para jantar.

— Não é mais bonito do que você — Elogiou-me, fazendo-me ficar sem graça, mas sorri para disfarçar.

— É sempre tão galante assim? — indaguei, curiosa.

— Ao menos é o que minha família diz — falou e deu de ombros.

Olhei-o bebericar o vinho que o garçom havia nos servido, enquanto aguardávamos o prato que tínhamos escolhido.

— No almoço de ontem, você falou que trabalhava na clínica do seu pai como enfermeiro. Não quis seguir os mesmos passos do seu pai, e ser um médico? — Miguel comprimiu seus lábios ao abandonar sua taça sobre a mesa e me encarou.

— Acaso não percebeu como fui tratado ao chegar aqui? — ponderei sobre sua pergunta.

— Hum... te chamaram de senhor Gonçalves, mas esse é um modo comum de tratamento ao cliente — pontuei e beberiquei um pouco do vinho.

Miguel deu um riso de canto.

— Eu sou dono desse restaurante, Nathalia. — Quase cuspi o vinho ao ouvir sua confissão.

— Então quer dizer...

— Então quer dizer que só fiz um curso técnico de enfermagem por insistência do meu pai, e por querer agradá-lo também. Minha paixão mesmo é cozinhar. Inclusive, estou quase finalizando o curso de gastronomia. — Olhei com admiração.

— Uau! Quantos anos você tem? — quis matar minha curiosidade.

— Vinte e sete.

— Não parece ter toda essa idade. Parece ser mais jovem — revelei.

— Obrigado. Mas você me parece bem nova — comentou.

— É, estou quase completando vinte anos. Daqui a dois meses, para ser mais exata.

— Sabe, eu pensei em algo... eu poderia cozinhar para você, qualquer dia desses. — Miguel me surpreendeu ao dizer aquilo. Antes de respondê-lo, o garçom serviu os nossos pratos e desejou que tivéssemos um bom jantar.

Agradecemos e, eu voltei a encará-lo.

— Vai ser um prazer provar dos seus dotes culinários — anunciei.

Miguel riu.

— Dizem que sou ótimo!

— Não duvido disso. — fui sincera.

DOIS MESES DEPOIS

Eu não era do tipo de sair para comemorar aniversário, ou fazer festas comemorativas. Porém, lá estava eu, pronta para ir ao apartamento do Miguel. Aguardava sua chegada.

Há dois meses, nós começamos a namorar. Ele era completamente o oposto do Sandro. Não tinha o que comparar.

Miguel era tão gentil comigo, me tratava tão bem, que muitas vezes eu parava para analisar se tudo aquilo era real. Márcia já havia comentado o quanto gostava dele, diferente de quando conheceu o Sandro. E confesso que fiquei feliz por saber que minha melhor amiga o aprovava, sinal de que eu tinha feito uma bela escolha.

Logo bateram na porta de casa e me apressei para abri-la, porque Márcia não estava em casa, disse que ia sair com um amigo. Eu sabia que deveria ser algo mais do que amizade, mas não falei nada sobre. Assim que girei a maçaneta, Miguel estava com a mão no batente da porta.

Seu perfume me completou e assim que seu olhar varreu o meu corpo, da cabeça aos pés, ele entrou e enlaçou minha cintura de forma possessiva e tomou meus lábios num beijo arrebatador. Sua língua entrou em minha boca, me causando um calor descomunal. Ainda não tínhamos tido a nossa primeira vez, porque eu havia pedido para irmos com calma, mas estava cada vez mais difícil não sucumbir ao desejo que sentia por aquele homem.

Já me encontrava sem fôlego, quando Miguel cessou o beijo e descansou sua testa na minha.

— Nossa! O que foi isso? — falei com a respiração entrecortada.

— Somente uma parte do seu presente de aniversário. — Levantei meus olhos e o encarei, encontrando um sorriso safado em seus lábios.

Mordi meu lábio inferior, sentindo um fogo me alastrar por dentro.

— Ah, é? — provoquei e mordisquei seu lábio inferior.

— Hum... — gemeu diante do meu ato. — Está me deixando louco, Nathalia. — confessou.

Movi minha boca até seu ouvido.

— E se eu disser que quero fazer sexo com você?

— Merda, Nathalia! — Voltou a tomar meus lábios com sofreguidão e quando menos esperei, minhas costas foram grudadas na madeira da porta. Miguel apertou minha cintura, enquanto nossas línguas duelavam entre si, no

vão de nossas bocas. Contudo, ele se afastou em seguida. Encontrava-me em êxtase. — Não quero que nossa primeira vez seja desenfreada, além disso, estamos indo comemorar o seu aniversário no meu apartamento — ponderou, acarinhando o meu rosto e olhando em meus olhos.

— Você não existe, Miguel. — Ele riu e beijou meus lábios rapidamente. — Mas posso ser sua sobremesa, após comermos o jantar que prometeu fazer para mim — proferi contra os seus lábios.

— Proposta aceita. — Sorri e saímos de casa.

Enquanto Miguel dirigia, eu pensei no quão sortuda fui quando ele entrou em minha vida. Agradei aos céus pelo homem maravilhoso que ele era; até me aconselhou a fazer faculdade. Olhei para o lado e ele estava concentrado na estrada.

Naquele instante, eu notei o quanto o destino brincava conosco. E, eu havia entendido que há certas coisas que necessitamos passar na vida; que nos fazem aprender e crescer, não só como pessoa, mas também, emocionalmente.

FIM!



Capítulo extra

MIGUEL

Um ano depois

Eu dirigia me sentindo um pouco tenso. Já tinha pouco mais de um ano, que eu e Nathalia estávamos namorando. Nem em um milhão de anos, eu poderia ter imaginado que encontraria o amor da minha vida da forma que fomos apresentados pelo destino.

Virei a esquina da rua em que ela morava e estacionei em frente ao portão da sua casa. Iria levá-la para o meu apartamento para um jantar. Havia preparado algo para comermos.

Ela estava de folga e não teria aula na faculdade. Nathalia havia ingressado no curso de Designer de Interiores, há quase um ano. Era bom vê-la contando sobre o que tinha aprendido sempre que nos encontrávamos. Ela até mudou algumas coisas em sua casa, e no meu apartamento. Tinha ficado muito bom, Nathalia realmente levava jeito para isso.

Passei pelo portão e segui até a porta. Dei algumas batidas e aguardei.

— Oi, anjo meu! — Ela me recebeu com um sorriso amplo e entrei, enlaçando sua cintura.

Nathalia se acostumou a me chamar daquele modo carinhoso. Dizia que eu era um anjo em sua vida. O seu anjo.

— Oi, linda. — Demos um beijo e logo nos afastamos. — Está maravilhosa. Como sempre. — elogiei ao medi-la com meu olhar, da cabeça aos pés.

Ela sorriu e suas bochechas ainda ficavam vermelhas.

— E você está muito galanteador. — brincou. — Vou pegar minha bolsa e já volto — avisou e assenti.

Momentos depois, eu peguei a estrada de volta ao meu apartamento. Morava a poucas quadras de onde Nathalia residia, e não demorou até que estivéssemos entrando no meu prédio para em seguida pegar o elevador. Aproveitamos para nos beijar ali dentro. Deixamos o mesmo ao chegar no meu andar, e logo entramos em meu apartamento.

— Está tão cheirosa — mencionei, enquanto caminhei, agarrado por trás dela.

Nathalia gemeu quando mordi carinhosamente a sua nuca. E ela levou sua mão para trás, e alcançou minha protuberância. Acariciou-o sobre o tecido do short jeans que eu usava.

— Você sabe me deixar louco. — Naquele momento, chegamos ao corredor que dava acesso ao meu quarto e, eu a empurrei contra a parede. Tomei seus lábios nos meus, ouvindo seus sonoros gemidos e meu pau pulsou dentro da cueca. — Merda! — praguejei ao me afastar e me lembrei da surpresa que havia preparado para ela.

— O que foi? — Nathalia franziu seu cenho.

— Venha. — Entrelacei nossos dedos e a puxei até o meu quarto. — Sente-se aqui — pedi e ela apenas concordou.

Entrei em meu closet e peguei a caixinha que havia o anel de noivado, o qual queria que ela usasse ao dizer sim para mim. Saí dali ao colocar a mesma dentro do meu bolso traseiro e caminhei de volta. Nathalia me encarou, parecia preocupada.

— Para de pensar besteira, Nathalia. Sei disso, porque está com a testa enrugada — pedi.

— Só estou curiosa sobre o que quer falar — disse.

Sentei-me ao seu lado na cama e a encarei profundamente. Delineei seus lábios com meu dedo indicador e a assisti fechar os olhos, apreciando meu gesto.

— Você sabe que te amo, Nathalia, e eu não tenho dúvidas do que vou fazer agora. — Automaticamente, ela abriu seus olhos.

Peguei a caixinha no meu bolso traseiro e a abri. Nathalia me encarou com os olhos marejados ao ver o que era.

— Ai, meu Deus! Isso é...

A interrompi, pegando em sua mão.

— Nathalia, você aceita ser a senhora Gonçalves? A minha esposa? — Ela me encarou com os olhos marejados.

— É claro que aceito, anjo meu. — Sorri, contente com sua resposta.

Meu coração parecia querer saltar do meu peito a qualquer momento. Peguei o anel e coloquei em seu dedo anelar esquerdo. Ela enlaçou meu pescoço e nos beijamos fervorosamente.

Nathalia não fazia ideia de que ela também era um anjo na minha vida. O meu anjo, em carne e osso.



FIM!!!

Table of Contents

[SINOPSE](#)

[Capítulo um](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo dois](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo três](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo quatro](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo cinco](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo seis](#)

[NATHALIA](#)

[ALGUMAS SEMANAS DEPOIS](#)

[Capítulo sete](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo oito](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo nove](#)

[NATHALIA](#)

[Capítulo dez](#)

[NATHALIA](#)

[Último capítulo](#)

[DOIS MESES DEPOIS](#)

[MIGUEL](#)